

Gasto em infraestrutura aumenta 21% no país

Ainda que bem abaixo do ritmo chinês, investimento em obras tem melhor desempenho desde o "milagre" da década de 1970 e alcança recursos de R\$ 1,5 trilhão até 2016

Claudia Bredarioli

cbredarioli@brasileconomico.com.br

O Brasil está em obras. E ainda que estejam longe do suficiente para satisfazer a demanda de infraestrutura necessária ao país, os investimentos crescem a passos largos e só se comparam em volume aos tempos do "milagre" econômico da década de 1970. Somente este ano, o país avança tanto no número de obras (28,5%) quanto no valor investido nesses projetos (21,3%), em comparação a 2010.

Pesquisa apresentada ontem pela Associação Brasileira de Tecnologia para Equipamentos e Manutenção (Sobratema) aponta que estão em curso investimentos - públicos e privados - da ordem de R\$ 1,48 trilhão até 2016. Esse valor representa nada menos que 40% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2010. No ano passado, o estoque de recursos foi de R\$ 1,22 trilhão. Em número de obras, o total passou de 9.550 para 12.265 do ano passado para 2011.

Copa e petróleo

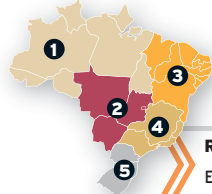
A elevação dos valores em relação ao relatório de 2010 reflete principalmente a entrada de novos projetos no setor de óleo e gás (a partir de empresas privadas), mais obras em complexos portuários, aceleração da entrada de projetos vinculados aos eventos esportivos - Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016 -, e também à melhoria dos transportes urbanos.

O levantamento mostra que se trata do melhor desempenho já apresentado em toda a história do país, mas ainda muito aquém do verificado em outros países emergentes, como a China, por exemplo. Em média, o gasto público brasileiro em infraestrutura correspondeu a um intervalo entre 2,1% e 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB) entre 2004 e 2009. O investimento estatal chinês alcança cerca de dez vezes mais, quase 20% do PIB a depender do indicador considerado.

Segundo dados do Relatório de Competitividade Global do Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a 104ª colocação no ranking global de infraestrutura em uma lista de 142 países analisados. Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aponta que, se o

QUASE 50% DO PIB EM INVESTIMENTOS*

Total de projetos de infraestrutura em andamento no Brasil

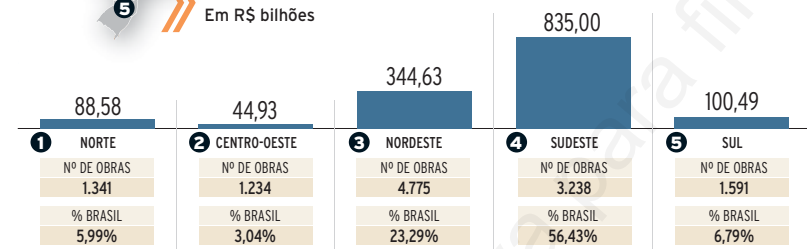


BRASIL >> Nº DE OBRAS 12.265 >> VALOR DE INVESTIMENTO* R\$ 1,479 tri

*Valores calculados em relação ao PIB de 2010

RECURSOS INVESTIDOS POR REGIÃO

Em R\$ bilhões



QUANTO AS CIDADES-SEDE DA COPA VÃO RECEBER

Em R\$ milhões

	MOBILIDADE URBANA	ESTÁDIOS E ENTORNOS	AEROPORTOS	PORTOS	TOTAL
BELO HORIZONTE	1.466	684	409	-	2.559
BRASÍLIA	380	702	748	-	1.830
CUIABÁ	489	597	88	-	1.174
CURITIBA	464	185	73	-	722
FORTALEZA	562	452	280	106	1.400
MANAUS	1.689	533	327	89	2.638
NATAL	441	413	577	54	1.485
PORTO ALEGRE	480	154	346	-	980
RECIFE	885	491	20	22	1.418
RIO DE JANEIRO	1.610	828	687	314	3.439
SALVADOR	570	592	45	36	1.243
SÃO PAULO	2.860	Em definição	1.961	120	4.941
TOTAL	11.896	5.631	5.561	741	23.829

Fonte: Sobratema *Dados de 2011

Brasil quiser alcançar, nos próximos 20 anos, aos padrões de países industrializados do Leste Asiático, a taxa de investimento deveria atingir entre 5% e 7% do PIB.

Só no "milagre" do período de alto endividamento produzido pela ditadura militar o Brasil atingiu um patamar próximo deste, chegando a 5,6%. Fora isso, essa relação entre PIB e investimentos em infraestrutura chegou a atingir o fundo do poço em 1994, com 1,8%.

Ainda é pouco

Um cálculo paralelo desenvolvido pelo professor Paulo Resende, da Fundação Dom Cabral, aponta que o país precisa investir, em média anual, R\$ 55 bilhões (US\$ 30,2 bilhões) nos próximos dez anos para suprir as necessidades de infraestrutura urgentes.

"Isso requer outras formas de

Volume de recursos previstos para obras nos próximos cinco anos equivale a 40% do Produto Interno Bruto brasileiro do ano passado, que foi de R\$ 3,67 trilhões

financiamento, que seriam por meio de iniciativa privada, já que há muitas limitações do governo federal para recursos de infraestrutura" diz Mário Humberto Marques, vice-presidente da Sobratema e diretor da área de equipamentos e suprimentos da Andrade Gutierrez. "O investimento brasileiro é pequeno e insuficiente para recuperar as necessidades de décadas de atraso que o país enfrenta nessa área, seja em transportes, saúde, portos ou aeroportos".

Ele aponta que, na proposta orçamentária do ano de 2011, pouco mais de 5% (R\$ 107 bi-



lhões) estavam disponíveis para investimentos já que a máquina pública, o pagamento de juros e as despesas de previdências consomem quase todos os recursos previstos. Nesse contexto, Marques assinala ainda que cresceu a importância do BNDES como agente para o setor de infraestrutura. Entre 2009 e o primeiro semestre de 2011 foram aplicados R\$ 35,8 bilhões em projetos vinculados ao PAC, nesse ano, até julho, o desembolso do BNDES já somava R\$ 69,4 bilhões, sendo que apenas R\$ 28,8 bilhões foram destinados à infraestrutura. ■

CORRIDA CONTRA O TEMPO

● Estudo da Fundação Dom Cabral aponta que o país precisa de gasto público anual de R\$ 50 bilhões durante uma década.

● O déficit de infraestrutura do Brasil está concentrado hoje no meio urbano, em áreas como transportes e saneamento.

Volume de obras em andamento no país cresceu 28,5% somente este ano

“Iniciativa privada só virá com segurança”

País avança em marcos regulatórios, mas atraso nos investimentos ainda é grande

Henrique Manreza



“A Copa e a Olimpíada ajudam a ampliar o foco para a carência de infraestrutura no país”

Olhando de perto para o retrato da infraestrutura no Brasil, Mário Humberto Marques, vice-presidente da Sobratema e diretor da área de equipamentos e suprimentos da Andrade Gutierrez, ainda desconfia da capacidade brasileira de dar um passo adiante e realmente colocar-se em um outro patamar quando o assunto é criar condições para o desenvolvimento. Mesmo assim, acredita que seja positivo o fato de a realização de grandes eventos esportivos ao menos levantar as discussões sobre as carências do país, pois “assim a sociedade poderá cobrar por mudanças”.

A captação de recursos para infraestrutura ainda é um fator impeditivo?

Essa discussão tem amadurecido, especialmente no sentido de envolver a iniciativa privada. Alguns estados estão mais avançados. O governador Geraldo Alckmin, por exemplo, fala muito sobre essa questão. Há governadores bastante receptivos que percebem que não existe outra forma de atender a essas demandas se não trouxerem a iniciativa privada para participar desses processos.

Como incentivar a captação de recursos privados e reduzir riscos?

A iniciativa privada só virá se tiver a segurança necessária do ponto de vista da realização de bons negócios, com segurança contratual e segurança financeira. Obviamente há que se respeitar os riscos empresariais que estão na alçada decisória dos empreendedores —, mas é preciso haver apoio institucional para que isso funcione.

Esse ambiente está sendo criado?

Na verdade, isso não acontece na velocidade que o Brasil precisa. O Brasil continua atrasado. Está atrasado até mesmo em relação a alguns países que poderíamos chamar em desenvolvimento. A intensidade de desenvolvimento que a China direcionou para a infraestrutura é impressionante como percentual do PIB.

As obras para os eventos esportivos poderiam ser um fator para a redução deste atraso?

A Copa e a Olimpíada ampliam o foco sobre a questão da infraestrutura. Mas isso não é absolutamente nada em termos de investimento quando falamos dos números relativos às carências da infraestrutura. Há, porém, uma grande vantagem que é a de colocar em discussão as carências do país. Depois de muito tempo a sociedade brasileira começa a discutir isso. Talvez o cidadão tenha se acostumado ao longo de muitos anos com a baixa qualidade de serviços públicos, com o desconforto de andar em ônibus super lotados, por exemplo. Agora começa-se a discutir isso porque as pessoas recebem informações sobre outras possibilidades de vida. ■ C.B.

DESENVOLVIMENTO

Maior desafio é modernizar as grandes metrópoles

As cidades são o ponto central dos investimentos nesta grande reforma nacional. Mais do que isso, concentrando os principais focos das obras de infraestrutura, os municípios brasileiros ainda serão por muitos anos os grandes receptores de recursos e projetos, uma vez que falta muito para que as facilidades em termos de saneamento, transporte público, proteção de rios e afluentes, meio ambiente ou comunicações atinjam o patamar mínimo dos principais países do mundo. “Considerando

a situação atual, é quase dizer que precisamos construir um outro Brasil urbano em termos de obras básicas. Temos o desafio de preparar as cidades para tudo isso”, afirma Afonso Mamede, presidente da Sobratema.

Só em relação à demanda reprimida nos investimentos em transporte coletivo, por exemplo, o arquiteto Mário Bieselli compara que, enquanto a capital paulista tem menos de 80 quilômetro de metro, Nova York, com população semelhante, ultrapassa, 370

quilômetros. Ou ainda, como destaca o consultor em sustentabilidade Fabio Feldmann, a Cidade do México, cujo metrô tem quase a mesma idade do paulista e alcança cerca de 200 quilômetros. “Grande parte das vulnerabilidades decorrentes da falta de infraestrutura vai ser perceptível nas cidades. Mas cidades brasileiras não se prepararam para incorporar em suas agendas necessidades como a de pensar um transporte eficiente, barato e não poluidor”, diz Feldmann. ■ C.B.

Falta de profissional qualificado é entrave para construção, diz CNI

Apesar disso, empresários estão confiantes com cumprimento do prazo para entrega de obras da Copa

Priscilla Arroyo

parroyo@brasileconomico.com.br

As obras para atender a demanda de infraestrutura da Copa do Mundo 2014 alimentam o otimismo dos proprietários de empresas da construção civil, mas também trazem à tona o principal problema do setor: a falta de mão de obra.

Segundo pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), realizada com 411 empresas do segmento sobre os efeitos da Copa do Mundo, a falta ou alto custo de mão de obra é apontada por 71% dos empresários como o entrave dominante para a realização dos projetos ligados ao evento. (veja mais na tabela abaixo)

“É difícil dizer quando esse problema será resolvido. A construção emprega hoje cerca de 3 milhões de pessoas. O desafio é aumentar a produtividade desses trabalhadores, o que demanda treinamento”, diz Eduardo Zaidan, vice-presidente do Sinduscon-SP.

“As empresas estão contratando funcionários e qualificando, mas a baixa escolaridade do brasileiro é uma barreira para que esse processo ocorra em curto período de tempo”, afirma Renato da Fonseca, gerente-executivo de Pesquisa da CNI. A falta de profissionais no mercado fez os salários aumentarem cerca de 30%. O que onera ainda mais as empresas que já têm de arcar com custo extra para oferecer treinamento.

Fonseca acrescenta ainda que as atividades na construção aumentaram muito nos últimos anos. Como consequência disso, o setor vem incorporando novas tecnologias e materiais, o que demanda treinamento também para os mais experientes.



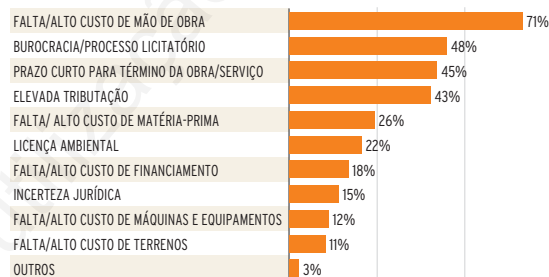
Empresas investem em qualificação, mas baixa escolaridade é preocupante

“Existem pedreiros, por exemplo, que não se adaptam com material novo de trabalho. A dificuldade em qualificar esse tipo de trabalhador ainda é muito grande.”

Renato da Fonseca
Gerente de Pesquisa da CNI

CONSTRUÇÃO CIVIL

Principais gargalos enfrentados para a execução de obras da Copa do Mundo*



Fonte: Confederação Nacional da Indústria

*percepção dos empresários

IMPASSE

Pequenas e médias construtoras reclamam de falta de acesso a contratos envolvendo a Copa

A pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) aponta que 47% dos empresários afirmam ser beneficiados pela realização da Copa no Brasil. A previsão otimista não abrange a outra parcela de 45%, que acredita não sofrer impactos. Já 9% dos empresários se mostram descontentes e prevêem resultado negativo nos negócios em decorrência da Copa. De acordo com Luiz Alberto de Araújo, presidente Associação de Pequenas e Médias Empresas de Construção Civil de São Paulo, as empresas de menor porte serão as mais prejudicadas com a realização do evento esportivo. “Enquanto as empresas de grande porte se beneficiam com o regime especial de licitações, as micro e pequenas, além de não conseguirem participar das obras, ainda sofrem os impactos negativos decorrentes da chegada do evento.” O gerente-executivo de Pesquisa da CNI, Renato da Fonseca, discorda com a afirmação e defende que todas as empresas

do setor têm a possibilidade de se beneficiar com as obras da Copa. “As de menor porte têm a possibilidade de participar das contratações executando partes das obras”, diz. Araújo, por sua vez, defende que a terceirização não é uma vantagem. “Esse é um sistema absolutamente ruim, pois recebemos até 50% do valor previsto em contrato pelo mesmo serviço.” Ele acrescenta ainda que a maior perda das pequenas empresas é proveniente do aumento da demanda de mão de obra no mercado. “Esse ônus que é sentido por todo o setor prejudica ainda mais as empresas menores, que não estão usufruindo dos bons contratos, ainda assim arcam com o alto custo dos funcionários.” Esse cenário para as micro e pequenas empresas resulta em estagnação do crescimento. “Esse resultado está muito aquém do esperado, pois deveríamos acompanhar o crescimento do setor, que está estimado em 4% para esse ano.” P.A.